

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO:
SUGESTÃO DE RUBRICA AVALIATIVA**

Mayara Xavier Vito Pezarino (UNIFSJ)
mayarapezarino@gmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano (UENF)
profajoanemarieli@gmail.com

Igor Pereira Muniz (UNIFS)
munizguin19@gmail.com

Lorrane Estacio do Prado da Silva (UNIFSJ)
lorraneestacio10@gmail.com

RESUMO

Na atual conjuntura do ensino de língua portuguesa, emergem discussões sobre a abordagem da variação linguística em livros didáticos. Este trabalho objetiva contribuir com reflexões sobre o tratamento didático de tópico relacionado à variação linguística. Como objetivos específicos, pretende: (i) discorrer sobre o processo de avaliação, compra e distribuição de obras pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); (ii) realizar contextualizações sobre o livro didático de português em relação à multiplicidade linguística; (iii) sugerir um protocolo avaliativo do material que envolve este conteúdo basilar nos currículos de língua portuguesa. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, cujo tratamento de dados corresponde à técnica de Interpretação seguida de construção de modelos (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Palavras-chave:

Língua Portuguesa. Livro didático. Variação Linguística.

ABSTRACT

In the current conjuncture of Portuguese language teaching, discussions emerge about the approach to linguistic variation in textbooks. This work aims to contribute with reflections on the didactic treatment of a topic related to linguistic variation. As specific objectives, it intends to: (i) discuss the process of evaluation, purchase and distribution of works by the National Textbook Program (PNLD); (ii) perform contextualizations about the Portuguese textbook in relation to linguistic multiplicity; (iii) suggest an evaluation protocol for the material that involves this basic content in portuguese language curricula. Methodologically, it is a qualitative research, of bibliographic nature, whose data treatment corresponds to the Interpretation technique followed by the construction of models (MARCONI and LAKATOS, 2003).

Keywords:

Textbook. Linguistic Variation. Portuguese language.

1. Introdução

O cenário da educação brasileira necessita de inovações, adaptações e adequação do ensino de língua, visto que, a língua é heterogênea e de característica mútua, dinâmica e passiva a reflexões. O ensino de língua portuguesa e as políticas linguísticas devem partir do pressuposto principal do ensino–aprendizagem da língua materna em sua eficácia, produtividade, conhecimentos gerais e específicos.

Os livros didáticos são recursos importantes no trabalho do ensino de língua portuguesa, tal como, nas políticas linguísticas. Por ser um dos recursos didáticos mais utilizados nas instituições de ensino, é preciso estar em constante discussão sobre seus conteúdos apresentados e como é abordado o tratamento das variedades linguísticas, uma vez que proporciona aos educandos a ampliação da competência linguística, principal objetivo no ensino de língua materna.

No entanto, o trabalho com os livros didáticos em sala de aula, no que diz respeito às variedades linguísticas, ainda é insuficiente e ocorre de forma superficial. Na maioria das vezes, a forma como as variações são apresentadas nos livros é escassa e, de certa maneira, acaba inferiorizando toda complexidade e conhecimento real sobre as variações linguísticas.

Quando as variações são trabalhadas nos livros didáticos pode observar que estão quase sempre relacionadas a variações regionais, não que esteja incorreto, mas todo esse estudo não se limita apenas a essas abordagens. Ora, são estudadas de forma descontextualizadas, ora, não são estudadas.

O estudo das variações linguísticas é de extrema importância na vida educacional do aluno, pois possibilita-os a entender e compreender melhor sua linguagem e as formas diversificadas de como a língua pode se manifestar. Dessa forma, cabe ao educador ter a consciência de como é importante trabalhar com as variedades linguísticas nas aulas de língua portuguesa e que a abordagem do conteúdo vai muito além do que o material didático propõe.

Assim, o professor se torna agente mediador de todo processo de aprendizagem adquirido pelos discentes. O desenvolvimento da competência linguística, como também, comunicativa, deve ser o objetivo dos educadores no ensino de língua portuguesa e, vale ressaltar, que os livros didáticos não podem ser unicamente a fonte de pesquisa e aprendizado

dos alunos sobre as variações, o docente a todo tempo deve estar buscando ferramentas que aprimorem ainda mais esse estudo para desempenhar diversos papéis sociais que lhe cabem.

2. Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

O PNLD tem como intuito avaliar e conceder obras didáticas, pedagógicas e literárias, como outros materiais de apoio, à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às instituições de rede pública da educação básica das redes federal, estadual, municipal, distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

O Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) são os órgãos responsáveis pela realização do PNLD. São eles que avaliam, compram e distribuem, junto aos Correios, as obras didáticas às escolas públicas. Vale destacar que a distribuição desses livros começou a acontecer em 1996, quando o Brasil passou por reformas educacionais.

Os livros didáticos, doravante LD, são escolhidos a partir de uma seleção do PNLD, na qual exige a participação de diversos parceiros como: autores, editoras, técnicos, avaliadores, escolas públicas, professores, universidades, etc. Na década de 1960, os LD para uma melhor adequação passaram a ser escritos por professores de áreas educacionais específicas, assim, o papel de cada envolvido no âmbito do Programa é distinto para contribuições diversas.

De acordo com Silva (2012, p. 805) a permanência do livro didático nas escolas está relacionada à

[...] capacidade que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas [...]. (SILVA, 2012, p. 805)

Em 2000, o PNLD realizou a distribuição de dicionários de língua portuguesa aos discentes dos anos iniciais do ensino fundamental, mas ocorreu certa mudança e em 2005, decidiu que em vez de entregar uma obra para cada aluno, o FNDE passou a providenciar acervos de dicionários a todas as escolas públicas do ensino fundamental. O ensino médio, e as modalidades educação jovens e adultos passaram a ser atendidos em 2011 pelo PNLD.

De modo geral, todas as alterações sofridas pelo PNLD constituem-se num instrumento de “(in)formação” para professores, com isso, o LD precisa ser pensado e avaliado como um elemento que pode contribuir para aumentar o capital cultural dos alunos e, conseqüentemente, de suas famílias.

3. *Livro didático (LD) e variação linguística*

A ferramenta educacional que possibilita o complemento ao trabalho do professor na sala de aula é o LD, que funciona como método para a aprendizagem do aluno, sendo um dos mecanismos de estudo individual do estudante. Ademais, com o amplo dinamismo de possibilidades que o profissional da educação pode desenvolver no contexto escolar, o LD é fundamental com suas obras e atividades ilustrativas somando para o conhecimento.

Ainda assim, mesmo com todas as múltiplas vantagens de trabalho que o livro embarca, é notório afirmar que grande parte das produções do LD voltado para disciplina de língua portuguesa se pauta somente em privilegiar o conceito de norma culta e/ou padrão, desprivilegiando as variedades da língua.

Bagno (2007, p. 119) faz o seguinte relato:

[...] o tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático. A gente percebe em muitas obras uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos da variação e mudança. (BAGNO, 2007, p. 119)

A maioria das obras didáticas, produzidas para o manuseio do ensino na sala de aula, aborda o português culto do Brasil, desconsiderando a heterogeneidade linguística presente em nosso país e, com isso, o aprendiz da língua materna tende a achar este ensino complexo. Todavia, é importante a aplicação dessa tese da diversidade da língua, pois ativa no aluno sua competência comunicativa, de modo que ele possa atuar em todos os contextos de comunicação.

O professor como facilitador e transmissor de conhecimentos deve recorrer a fontes interdisciplinares no ensino das pluralidades da língua, o LD não pode ser ferramenta limitada dessa educação. O padrão do comportamento do docente em relação aos usos de regras, não padroni-

zadas pelos alunos, vai de acordo com o tipo de evento em que essas normas acontecem. Por esse e outros fatores, o trabalho das variações linguísticas nos LD, é importante para a identificação dos alunos com sua linguagem, logo que, cada um desses indivíduos é de realidades e contextos sociais distintos.

Infere-se, portanto, que cabe à escola e aos professores levar os alunos a apoderar das regras linguísticas que usufruem de prestígios, mas também que, de certo modo, enriqueçam o repertório linguístico e permitam a eles o acesso amplo à maior possibilidade de recursos para adquirir a competência linguística.

4. *Rubrica avaliativa: sugestão significativa*

O Ministério da Educação (MEC) já menciona alguns elementos de avaliação das obras didáticas no que diz respeito ao tratamento da variação linguística, porém eles são muito amplos, o que, de certa forma, não possibilita um entendimento completo dos objetivos propostos. Segundo Zilles e Faraco (2015, p. 229), esses elementos são:

- (a) não veicular preconceitos contra quaisquer variedades linguísticas; (b) apresentar textos representativos de diferentes variedades sociais, regionais e estilísticas; (c) considerar as diferentes variedades linguísticas no âmbito da leitura, da produção textual e da oralidade e (d) estimular a reflexão sobre as formas linguísticas, relacionando-as com o uso e com os sentidos que elas mobilizam etc. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 229)

Desse modo, tendo como base essas informações e as análises de alguns autores, surgiu a motivação da criação de uma rubrica avaliativa que pudesse auxiliar os professores, viabilizando, assim, materiais que proporcionam um ensino contextualizado e reflexivo para os alunos.

Dialogando com a afirmação acima, a representação dos dados por meio de tabelas auxilia o leitor, em outras palavras, facilita a compreensão, ocasionando uma interpretação rápida da massa de dados, podendo, apenas com uma olhada, apreender importantes detalhes e relações (MARCONI; LAKATOS, 2003)

Critérios/ Grau	Indicadores		
	Adequado	Passível de problematizações	Possíveis observações
Tratamento das variedades	Apresenta variedades em diversos níveis: sintático, morfológico, fonético-fonológico...	Limita-se às variedades rurais e/ou regionais ou sociais.	Há preferência pela apresentação da variação em ordem lexical, como se somente as palavras pudessem variar.
Distinção entre norma culta e norma padrão	Distingue os conceitos de norma culta e norma-padrão.	Não há diferenciação entre a norma-padrão da norma culta. Gera confusão entre norma-padrão e variedade real da língua.	
Abordagem didática dos exemplos	O livro didático trabalha com variedades linguísticas autênticas.	Os exemplares contribuem para estereotipação da variação linguística.	Uso de texto literário como exemplo de variedade linguística real, visto que se trata de uma representação artística, mediante recriação, da variação.
Abordagem das atividades de análise linguística da variação	Reconhece e valoriza as diferenças socioculturais das variedades linguísticas.	Utilização de atividades de transposição para “norma culta”.	
Noção de Adequação Linguística	A noção foi elaborada como um contínuo (enunciados mais ou menos adequados à intencionalidade discursiva).	Abordagem dicotômica entre “adequado” e “inadequado”.	

Rubrica avaliativa: Variação linguística no livro didático.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para compor a rubrica avaliativa, foram elaborados cinco critérios de avaliação e três indicadores. Os indicadores se dividiram em três categorias. A primeira, intitulada “Adequado”, enfatiza o ideal a ser trabalhado, ou seja, se o assunto está sendo contemplado de modo satisfatório no livro didático. Já a segunda, “Passível de problematizações”, indica que o critério não é abordado claramente no LD, aparecendo, assim, de

maneira incompleta. Por fim, “Possíveis observações” se refere a questões que às vezes passam despercebidas, por isso, merecem uma atenção.

O primeiro critério corresponde ao “Tratamento das variedades” e este é adequado quando o material didático mostra que a variação pode ocorrer em relação à construção dos elementos da oração, à forma de escrever (grafia), às diferentes pronúncias para uma letra, dentre outros aspectos. No entanto, deve ser problematizado caso trate a multiplicidade linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas, em outros termos, se há uma certa suposição de que os falantes urbanos escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, como se não existisse variação nesse uso. De acordo com Bagno (2007), essa situação está fortemente ligada à insistência dos autores de LD na utilização das tirinhas do Chico Bento como exemplo de variação linguística. Torna-se fundamental observar também se a obra recorre ao uso restrito de uma lista de palavras que variam de um lugar para o outro, pois a variação linguística não se resume a isso.

Já o segundo, “Distinção entre norma culta e norma-padrão” está relacionado à diferenciação entre dois conceitos que ainda são muito confundidos na língua portuguesa. Desse modo, é ideal que o livro esclareça que a norma culta se refere às variedades prestigiadas, isto é, às variedades linguísticas que caracterizam a fala e a escrita dos indivíduos letrados e socioeconomicamente privilegiados; e que a norma-padrão se relaciona ao conjunto de regras padronizadas, descritas pela gramática normativa, não sendo uma variedade real. Nesse sentido, é problemático quando o exemplar faz uma confusão entre os termos em pauta, ou melhor, coloca-os como sinônimos.

O critério “Abordagem didática dos exemplos” é mencionado de maneira satisfatória se o LD trabalha com as variedades linguísticas reais da língua falada e escrita de várias regiões e diversas camadas sociais, utiliza exemplos reais, tal como, propõe que os alunos assistam documentários de falantes representantes das diversas variedades linguísticas brasileiras. Contudo, se o material estabelece estereótipos da variação linguística como, por exemplo, caracteriza o falar caipira por meio da eliminação do r no final dos infinitivos ou até mesmo associa o uso de gírias somente aos funkeiros, deve-se repensar a abordagem, uma vez que outros falantes também fazem esses usos. Outro ponto a ser observado dentro desse critério, o qual Bagno (2007) também sinaliza, é a utilização do texto literário como variedade real, visto que, por ser uma representação artística, trata-se de uma criação do próprio autor, não signi-

fica que determinada forma linguística exista exatamente do jeito que está sendo retratada, afinal, por trás desta manifestação há uma intenção artística, estética e não um trabalho científico rigoroso.

O quarto critério diz respeito à “Abordagem das atividades de análise linguística da variação” e aponta que é adequado se, nos exercícios, há um reconhecimento de que todas as variedades linguísticas são importantes, de que nenhuma pode se sobrepor à outra, ou seja, reconhece as diferenças, não propagando o preconceito linguístico. Entretanto, é necessária uma problematização se a atividade recomenda a reescrita de alguma fala, mais especificamente, pede que o aluno “passe para a norma culta”. Exemplificando esta situação, o material didático não deve sugerir que o discente transcreva a fala do Chico Bento para a “norma culta”, pois a sua fala é uma característica própria da personagem, da cultura e do meio em que ele vive.

Enfim, o critério “Noção de adequação linguística” evidencia que o exemplar precisa explicitar que a utilização de “adequação” vai depender da relação entre os interlocutores e dos objetivos pretendidos. A título de exemplo, numa conversa entre dois amigos, em que um deles diz: “Gostaria de saber se poderíamos ir ao cinema no sábado. Divertiríamos-nos muito.”. Não se pode afirmar, imediatamente, que esse enunciado esteja totalmente inadequado para esta situação de comunicação, uma vez que não sabemos qual foi o propósito do enunciador. (ZILLES; FARACO, 2015). Logo, não pode haver apenas uma mera substituição de certo e errado, sem oferecer flexibilidade ao falante, a fim de relacionar as formas linguísticas com o contexto, senão, mudará a nomenclatura e continuará reproduzindo noções de erro.

5. Considerações finais

No meio educacional, já são realizadas muitas discussões acerca da variação linguística, entretanto, o ensino dessa temática ainda é abordado de maneira superficial, em especial, nos livros didáticos. Nesse sentido, torna-se fundamental que os docentes reconheçam a importância da multiplicidade linguística, afinal, esta possibilita aos discentes o desenvolvimento da competência comunicativa.

Diante das considerações feitas, conclui-se que esta pesquisa é de relevância educacional não somente aos alunos, como também, aos professores. A abordagem da variação linguística nos livros didáticos deve

ser discutida, analisada e, principalmente, problematizada. O LD como ferramenta de ensino deve oferecer reflexões linguísticas indispensáveis ao se tratar das variações da língua, logo, este ensino não pode ser limitado a poucos contextos de atuação. Sua explanação, além de formar futuros cidadãos conscientes, ajuda-os a entender e compreender melhor a própria linguagem em sua formação de uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas 2003.

GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini Di. *et al.* Uma proposta de aperfeiçoamento do PNLN como política pública: o livro didático como capital cultural do aluno/família. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 22, n. 85, p. 1027-56, Rio de Janeiro, out./dez. 2014. Disponível em: encurtador.com.br/vMST7. Acesso em: 26 nov. 2020.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. *Educação e Realidade*, v. 37, n. 3, p. 803-21, Porto Alegre, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.